



## ENCONTRO DA ESCRITA LITERÁRIA E DA FILOSOFIA

Marcos Rogério Heck DORNELES<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho busca mencionar parte das atividades do Projeto de pesquisa **A presença do pensamento filosófico na literatura portuguesa no início dos séculos XX e XXI**, em especial, a apresentação e reflexão sobre alguns fundamentos e propostas referentes a possibilidades de relação entre Literatura e Filosofia. Tais como: o viés de intersecção, por meio de uma “Relação transaccional”, proposta por Benedito Nunes (2010); o entendimento do mundo e da vida que envolva integralmente aspectos conceituais, intuitivos e artísticos; a detecção de proposições filosóficas em obras literárias e da escrita literária em textos filosóficos; a seleção de tópicos como dimensão trágica, experiência estética da existência; tematização do tempo. Para ilustrar a modalidade da “Relação transaccional”, são apontados o comentário do poema “Tenho tanto sentimento”, de Fernando Pessoa, e o exame do conto “Eôs”, de António Bracinha Vieira.

**Palavras-chave:** Literatura. Filosofia. Interdisciplinaridade.

### 1 INTRODUÇÃO, AFLUÊNCIA DE SABERES

A prática de estudos comuns a universos pertencentes a duas ou mais áreas de conhecimento aponta para um reexame do alcance de um determinado projeto, dos objetos de estudo e dos procedimentos a serem adotados. Isto é, o encontro de disciplinas, ramos dos saberes, áreas do conhecimento estabelece uma nova e temporária configuração para fins provisórios de indagação e ultrapassagem de problemas comuns.

Tânia Franco Carvalhal destaca a comparação como um modo de proceder mental que auxilia a generalização ou a diferenciação: “É um ato lógico-formal do pensar diferencial (processualmente indutivo) paralelo a uma atitude totalizadora (dedutiva).” (CARVALHAL, 2001, p. 7). Carvalhal designa a comparação como um atributo do pensamento humano e como um dos elementos de organização da cultura constantes no percurso das artes e das literaturas. A reunião da condução indutiva ao

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Literários (UFMS) e Professor Assistente junto à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Aquidauana (CPAQ). Líder do **Grupo de Pesquisa Literatura Portuguesa e Estudos Interdisciplinares** e Coordenador do Projeto de pesquisa **Presença do pensamento filosófico na literatura portuguesa do início dos séculos XX e XXI**. E-mail: marcos.dorneles@ufms.br



propósito dedutivo estabelece a possibilidade da simultaneidade de cotejamentos de maneira ampla, pois, pelo menos dois universos estão em destaque (por exemplo, literatura e filosofia) e dois ou mais procedimentos de estudo estão em ação (para ilustrar, os modelos de indução e dedução). Essa prática de “pôr em relação” pode propiciar a emergência de um terceiro espaço, o âmbito do encontro.

Carvalho aponta o percurso sobre alguns textos críticos que evidenciam estudos sobre relações interdisciplinares, como literatura e artes, literatura e história, literatura e psicologia. Nesse itinerário, Carvalho salienta a predominância da propensão de: “[...] explorar o imbricamento com outras formas de expressão artística e outras formas de conhecimento.” (CARVALHAL, 2001, p. 74); e a prevalência da flexibilidade da comparação como: “[...] forma de investigação que se situa ‘entre’ os objetos que analisa, colocando-os em relação e explorando os nexos entre eles.” (CARVALHAL, 2001, p. 74). Assim, a emergência do encontro pode estabelecer outra consistência ao campo de ação de saberes distintos: suas disposições e seus deslocamentos.

Benedito Nunes (2010) direciona a distinção de três tipos de relações entre literatura e filosofia: a disciplinar, a supradisciplinar e a transacional. Para a primeira relação, a disciplinar, Nunes discorre sobre a apresentação unívoca dessa vinculação entre as duas áreas como universos e identificações conceitualmente apartadas e com atuações previamente delimitadas. Portanto, nesse tipo de relação se determina antecipadamente o raio de ação da filosofia e da literatura. A filosofia mantém os seus atributos e características como: lançar conceitos acerca de propriedades estéticas da literatura; realizar indagações e questionamentos sobre propostas temáticas contidas nas obras literárias; propiciar o arrolamento de um sistema literário ou o estudo de um conjunto da produção literária etc. De outra parte, a literatura se efetiva em suas características artísticas, estéticas, ficcionais e linguísticas, mas traz em sua interioridade diversos tópicos que podem abrir uma dimensão de conhecimento do mundo, de indagação da existência, de descoberta intelectual etc.

Já para o segundo tipo de relação entre literatura e filosofia, a supradisciplinar, o crítico aponta a possibilidade da inclusão de uma área à outra, isto é, a realização de uma espécie de atividade ou de texto misto ou híbrido. Nessa modalidade de conexão o texto filosófico se compõe abundantemente de recursos caros à literatura, e a escrita literária se consolida por meio de inflexões da tradição filosófica. Nunes aponta como exemplo algumas grandes obras nascidas dessa configuração, como *De rerum natura*,



de Lucrécio (exposição acerca das teorias de Epicuro, escrita em versos hexâmetros), e **Fausto**, de Goethe (poema trágico, que, dentre outros aspectos, indaga sobre os limites do conhecimento humano). No entanto, o crítico ressalta a dificuldade do estabelecimento de hierarquias nessa tarefa supradisciplinar, pois literatura e filosofia atuam com pressupostos diferentes, e, de outra parte, pontua a complexidade exigida para a dupla função de poeta-filósofo ou filósofo-poeta.

Por último, Nunes discorre acerca da relação transacional como um horizonte do encontro: “É o movimento de ir de uma a outra, portanto separadas, cada qual na sua própria identidade, sem que cada qual esteja acima ou abaixo de sua parceira [...]. A relação transacional é uma relação de proximidade na distância.” (NUNES, 2010, p. 13). Assim, haveria a união transitória dos dois universos distintos, porém observadas as principais especificidades de cada um deles. Para tal, Nunes propõe a linguagem como meio transacional pelo qual se daria essa aproximação, pois nela estariam alguns pontos de intersecção dos universos da literatura e da filosofia.

Nunes distingue a detecção dos anteparos poéticos ou retóricos adotados por filósofos (os contrafortes dos circunlóquios, das paronomásias, da diversidade de gêneros textuais etc.) como formas de persuadir limiares à literatura. Por outro lado, o ensaísta destaca que um texto literário se aproximaria do patamar filosófico ao permitir ao escritor e ao leitor uma: “[...] interpretação compreensiva de si mesmo como ser no mundo.” (NUNES, 2010, p. 17). Desse modo, embora a compreensão seja mais próxima do ato de mostrar (literário) do que da instituição de proposições (filosófico), ela proporciona esse avizinhar-se à filosofia, porém, por um caminho “pré-teórico”. O trânsito realizado pela linguagem possibilitaria a permeabilidade da literatura e da filosofia, ou seja, na linguagem estariam os interstícios de um antigo parentesco desses dois saberes diante de descobrimentos noéticos e dinoéticos, como pontuaria o filósofo, poeta, compositor e crítico literário Antonio Cicero (2012).

Na linguagem se dão, muitas vezes, os impasses tanto no estudo filosófico como na escrita literária, isto é, momentos de perplexidade ou de hesitação em que não há a visibilidade de uma saída ou solução dos problemas nos níveis conceituais, operacionais e linguísticos. Portanto, em algumas situações complexas a tarefa da travessia científica e artística é também signíca. Para ilustrar, podemos situar um momento de “impasse” na poesia ortônima de Fernando Pessoa, em “Tenho tanto sentimento”:



Tenho tanto sentimento  
Que é frequente persuadir-me  
De que sou sentimental,  
Mas reconheço, ao medir-me,  
Que tudo isso é pensamento,  
Que não senti afinal.

Temos, todos que vivemos,  
Uma vida que é vivida  
E outra vida que é pensada,  
E a única vida que temos  
É essa que é dividida  
Entre a verdadeira e a errada [...] (PESSOA, 1981, p. 217).

No poema, a condução lógica do movimento de composição lírica levaria à oposição básica e binária de “vida verdadeira” e “vida falsa”. No entanto, o texto pessoano amplia o deslocamento da construção poética para “vida errada”, isto é, altera o percurso do caráter antagônico anterior ao acrescentar a imprevisível vivência “errática” do pensar.

Por intermédio da linguagem, explora-se a possibilidade de se estabelecer juízos, críticas, reflexões acerca de determinado tema como uma condução e condição gradual e progressiva do encontro da literatura e da filosofia. Dentre alguns tópicos comuns ao universo literário e filosófico e aos três tipos de relações distinguidas por Benedito Nunes, destacamos a dimensão trágica, a experiência estética da existência e alguns caracteres temporais da experiência (tematização do tempo).

Diante da recorrência de situações momentâneas de impasse conceitual, existencial e ontológico na elaboração de textos literários e no desenvolvimento dos estudos literários, e, por outro lado, da proposição de fronteiras permeáveis dos saberes, das ciências e das artes, este artigo procura apresentar uma leitura e um exame acerca do imbricamento entre Literatura e Filosofia. Mais detidamente, na literatura portuguesa contemporânea, em contos de António Bracinha Vieira; e, em especial, no conto “Eôs”, do livro **Sete contos de fúria**.

## **2 TEMPO, TEMA, MITO**

Comumente, o tempo é atribuído a uma gama enorme de diversas significações conforme os contextos em que o termo se relaciona, como, por exemplo, às acepções: de duração das coisas e dos seres; de sucessão cronológica de fatos ou eventos; de



momento propício ou oportuno; de fase ou período, associado às perspectivas sociais e culturais de um sujeito e, posteriormente, integrado à projeção desse sujeito sobre um determinado objeto; de época característica ou predominante; de condições meteorológicas e atmosféricas etc.

No universo literário, dentre os elementos que compõem a escrita de um texto narrativo, destaca-se a grande importância dada à construção do componente tempo. Devido à complexidade de sua constituição, à preeminência de sua participação e à propagação difusa em várias camadas, a construção do elemento tempo, muitas vezes, sobressai-se como um dos grandes cuidados necessários à escritora e ao escritor para uma boa realização da feitura textual. Ao criar o tempo ficcional, conjugam-se escolhas de feição estética e opções de caráter ontológico, que conduzem ao trabalho de intermediação e comparação entre a expressão transitória e contingente da vida e a manifestação elástica e contínua de um sistema cultural e social, como pontua Massaud Moisés:

A explicação, que demandaria uma série de considerações de ordem literária e filosófica, pode ser sumariada no seguinte: criando o tempo, o homem nutre a sensação de superar a brevidade da existência, e de identificar-se, demiurgicamente, com o tempo cósmico, que permanece para sempre, indiferente à finitude da vida humana; gerando o tempo, o ficcionista alimenta a ilusão de imobilizá-lo ou de transcendê-lo. Basta isso para nos alertar acerca da fundamental relevância da categoria “tempo” nas obras de ficção. (MOISÉS, 1977, p. 101).

Assim, concorde à exposição de Moisés, o elemento tempo na obra ficcional amalgamaria o teimoso suspiro da existência (extra) ordinária à exteriorização (in) consonante e (des) harmônica das tentativas de configuração artística de um todo social, cultural, cósmico e/ou universal. Não obstante, interfacial a esse esforço, dispõem-se a tarefa de compor os tempos literários necessários à *diegese* e ao discurso, isto é, respectivamente, às dimensões da fábula (história, *story*) e da narração (construção, trama, *plot*). Vitor Manuel Aguiar de Aguiar e Silva pontua acerca do caráter interno da *diegese* ao andamento do tempo:

O tempo da *diegese* está delimitado e caracterizado por indicações estritamente cronológicas relativas ao calendário do ano civil – anos, meses, dias, horas –, por informações ligadas ainda a este calendário, mas apresentando sobretudo um significado cósmico – ritmo das estações, ritmo dos dias e das noites –, por dados concernentes a uma determinada época histórica, etc. (AGUIAR E SILVA, 1979, p. 291-292).



Destarte, o tempo diegético possibilita, geralmente, a aferição de sua extensão e alcance de acordo com algum tipo de baliza indicativa de uma convenção astronômica, social, cultural, tradicional. De outra parte, o tempo do discurso configura-se pelo seu aspecto variável e aleatório (AGUIAR E SILVA, 1979), pois está associado a fatores bastante díspares como: sucessão de frases e palavras, paginação, disposição tipográfica, tipo de letra, velocidade de escrita, velocidade de leitura *et cetera*. Além disso, pode ocorrer a profusão de anacronias, ou seja, as divergências entre a sucessão dos eventos da *diegese* e a disposição dos acontecimentos no discurso.

Ademais da inserção obrigatória do tempo como elemento constitutivo intrínseco ao ato de engendrar a construção da narração, também é facultada a possibilidade do tempo ser incluído na proposição do assunto a ser tratado. Nesse caminho, tem-se a disposição dos elementos tema e os motivos. Arnaldo Franco Júnior define a centralidade do tema e a sua segmentação em motivos:

**Tema** – É o assunto central abordado **dramaticamente** pela narrativa, ou seja, é o assunto que abraça o conflito dramático nuclear da história narrada pelo texto narrativo. [...] **Motivos** – Como já vimos, **motivos** são subtemas ligados ao tema e vinculados ao desenvolvimento da história e ao conflito dramático. (FRANCO JÚNIOR, 2009, p. 44, grifo do autor).

Desse modo, Franco Júnior pontua os motivos como unidades temáticas mínimas, e caracteriza o tema como o elemento capaz de reunir a totalidade do conflito dramático na narrativa. Assim sendo, chegamos à possibilidade da fixação da tematização do tempo em contos, crônicas, epopeias e romances. Em **Ensaios filosóficos** (2010), Benedito Nunes discorre acerca da importância e das modalidades de presença do tempo em obras literárias, e, pondera sobre a versatilidade temporal nas narrativas, como no item tematização do tempo:

**Tematização do tempo** - Culminância da versatilidade temporal, a integração reflexiva do tempo à matéria do romance, principalmente através do cronotopo do fluxo, mas numa linha temática, vai ao encontro do tratamento privilegiado que essa categoria recebe das filosofias mais próximas da Literatura, como as de Bergson e Heidegger. (NUNES, 2010, p. 348, grifo do autor).

Nessa direção, Nunes estabelece um dos acmes da possibilidade de mobilidade da laboração temporal na narrativa literária: a dinâmica da qual o tempo se configura



também como substância “material” básica de uma literatura de ficção. Além do mais, o ensaísta, Benedito Nunes (2010), situa um relacionamento comum à Literatura e à Filosofia, em alguns princípios fundamentais das obras de Bergson (a prerrogativa da intuição na apreciação imediata e na compreensão direta da realidade) e de Heidegger (o movimento de temporalização). Prosseguindo nessa vereda, destacamos a precedência dada ao pensamento heideggeriano nos estudos de Nunes, em **O tempo na narrativa** (2013), sobre a incidência do deslocamento e da unidade temporal:

O movimento de transcendência, que vai do futuro como possibilidade ao passado e ao presente, sem que essas dimensões possam separar-se, é a **temporalidade** na acepção própria da palavra, origem das diversas espécies de tempo, e que faz do homem um ser histórico. Daí dizer Heidegger que o existente humano não está no tempo: ele se **temporaliza**. [...] Essa dialética da **temporalização**, espécie de *concordia discors*, de concordância discordante entre presente, passado e futuro, nos planos individual, cultural e histórico da existência humana, é a incidência comum às várias direções da tematização do tempo [...]. (NUNES, 2013, p. 58, grifo do autor).

Nunes aponta a temporalidade como um movimento de unidade entre períodos de duração (passado, presente, futuro) que se enlaça à historicidade do ser humano como agente-paciente da transformação temporal. Assim, por meio do diálogo interdisciplinar entre Literatura e Filosofia, dá-se o encontro do tempo como elemento tema-matéria da narrativa literária (tematização do tempo) com o tempo como tópico e proposição filosófica (temporalidade).

Salientamos, também, a demarcação temporal que ocorre na obra ficcional por intermédio do entrelaçamento da trama literária à dimensão mitológica. Ao discorrer sobre a intersecção dos estratos da narrativa literária e do universo mitológico, Benedito Nunes (2013) exemplifica a unicidade e a continuidade temporal realizada pelo mito em obras de Thomas Mann, Johann Goethe e James Joyce, e expõe algumas características desses contornos do enlace tempo/mito na literatura:

Outro limite temporal na arte de narrar, transubjetivo e impessoal, é alcançado quando o romance estende seu enredo ao plano dos mitos. [...] A rigor não há um **tempo mítico**, porque o mito, história sagrada do cosmos, do homem, das coisas e da cultura, abole a sucessão temporal. O que quer que o mito narre, ele sempre conta o que se produziu num tempo único que ele mesmo instaura, e no qual aquilo que uma vez aconteceu continua se produzindo toda vez que é narrado. Será mais correto dizer que o mito relata um acontecimento genérico que não cessa de produzir-se: uma origem coletiva [...] que se insinua na linha mutável da vida individual. (NUNES, 2013, p. 63-64, grifo do autor).



Desse modo, essa delimitação temporal traz outras implicações na construção narrativa: a recorrência a instâncias de referências universais; a mistura e a recombinação de passado, presente e futuro; a releitura dos arquétipos sob novas medidas; a reprodução diferenciada de efeitos de acontecimentos ancestrais etc. Portanto, chegamos a outro parâmetro acerca das relações temporais: a composição que se dá por meio de uma articulação contínua entre o mito original, a escrita literária e os contextos sociais e culturais (NUNES, 2013), isto é, como se fosse uma pauta que se atualiza constantemente.

Por fim, complementando as proposições anteriores acerca do tempo, destacamos a dimensão trágica nas obras literárias e em reflexões filosóficas acerca da existência. Abbagnano (2012) expõe diversas nuances do conceito de trágico debatido pelos filósofos. Salienta, primeiramente, enquanto forma de arte (com a tragédia), a concepção aristotélica, da qual o trágico seria uma representação de ações que ocasionam piedade e terror, e incitam a catarse. Na avaliação de Jaeger, o trágico é disposto em conformidade à duração precária da felicidade e da inerência do ser humano à instabilidade. Depois, Abbagnano (2012) evidencia alguns exames acerca do trágico relacionados à existência humana e ao mundo. Dentre eles, Schopenhauer, Nietzsche e Pareyson. Schopenhauer acentua o caráter terrificante da existência como uma representação trágica da vida, implicando a resignação ou o desespero como atitudes possíveis. Enquanto Nietzsche vislumbrava a possibilidade de se aceitar e transfigurar a especificidade trágica da existência por meio da arte ou da vontade de potência, enfatizando o domínio do horrível pela sua transformação em algo sublime. Para tal, tomava como parâmetro a sociedade grega ática. De outra parte, Pareyson sinaliza o pensamento trágico em associação a um caráter fundamental de tudo o que é real, a contradição. Pareyson nota que a contradição é o princípio da realidade e, também, o fundamento assombroso da liberdade.

### **3 IMPASSES**

Em algumas formas de expressão e interpretação do mundo ocorrem momentos prementes em que a simultaneidade de outros exames ou de outras leituras se impõe, à revelia de uma constituição essencial de uma determinada área, disciplina ou segmento



dos saberes e das ciências. Assim, diante de situações existenciais complexas e de problemas epistemológicos intrincados, arrogam-se novas configurações disciplinares na prática científica e na compreensão social e cultural dos problemas. Destarte, os universos pelos quais orbitam e arbitram literatura e filosofia também constantemente chegam a um impasse. Talvez aquela situação difícil do poeta itabirano, Drummond (2002, p. 27): “O tempo pobre, o poeta pobre / fundem-se no mesmo impasse”. Neste ínterim, são muitas as denominações e os prismas nos quais se cruzam dificilmente os caminhos das ciências, dos saberes e das artes: impasse, aporia, enigma do mundo, antinomia, problemas, paradoxo etc. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira aponta três significados iniciais para definição de aporia:

1. Filos. Dificuldade de ordem racional, que parece decorrer exclusivamente de um raciocínio ou do conteúdo dele.
2. Hist. Filos. Conflito entre opiniões, contrárias e igualmente concludentes, em resposta a uma mesma questão.
3. E. Ling. Figura pela qual o orador finge hesitar, ter dúvidas, na escolha de uma expressão, de um rumo para o discurso (FERREIRA, 2004).

Inicialmente, Ferreira destaca, na área da Filosofia, a complexidade, a complicação em que pode se enveredar um encadeamento de juízos ou pensamentos. Adiante, na disciplina ou segmento de História da Filosofia, o filólogo salienta o choque entre diferentes, porém, válidos, modos de pensar acerca de um assunto ou demanda conflituosa. Por último, o lexicógrafo evidencia, na área de Estudos da Linguagem, a utilização de figura (para realizar uma fuga à norma por meio de uma alteração semântica ou para dar mais ênfase e beleza ao enunciado) com o fim de realizar uma simulação ou um fingimento numa determinada elaboração textual ou discursiva. Talvez, seja o caso da invenção sincera do “tempo pobre” do poeta itabirano.

Já Antoine Compagnon ressalta o caráter aporético da teoria da literatura: “A aporia resulta, sem dúvida, da contradição entre dois pontos de vista possíveis e igualmente legítimos; do ponto de vista contextual (histórico, psicológico, sociológico, institucional) e ponto de vista textual (linguístico).” (COMPAGNON, 2012, p. 30). Em **Demônio da teoria: literatura e senso comum**, Compagnon busca teses, *a priori*, extremas e opostas acerca de concepções ou avaliações sobre determinado assunto. Com esse levantamento de perspectivas diferentes, o teórico propõe o procedimento de entrecruzamento das posições contrárias e de reflexão sobre suas limitações e seus benefícios.



Sob a constatação de algumas limitações insolúveis da ciência e da filosofia, como o caráter provisório e peregrino das “verdades” e “descobertas” científicas, o filósofo João Constâncio (2013) realiza uma reflexão acerca das dimensões de perguntas recorrentes da filosofia, como uma explicação sobre a origem do universo e o propósito de sua existência. Para tal, debate a expressão “enigma do mundo” exposta sob a perspectiva pessimista de Schopenhauer e retornada sob o ponto de vista afirmativo de Nietzsche. O enigma do mundo também estaria nessa situação difícil ou embaraçosa como um dos grandes problemas que mais interessam à filosofia. Constâncio indica na perspectiva do autor de **O mundo como vontade e representação** (2005), a predominância de se estabelecer a origem da existência do universo e o fim a que se visa como uma escrita enigmática ou secreta, “um texto cifrado” (2013), no qual não existe um motivo para sua existência. De outra parte, Constâncio sinaliza no ponto de vista do criador de **A gaia ciência** (1986) a preponderância da libertação desse tipo de indagação, por meio da afirmação dos caracteres ambíguos e incertos da existência, e por intermédio de uma composição entre a criticidade científico-filosófica e a aquiescência artística.

Nicola Abbagnano, em **Dicionário de filosofia** (1998), aponta o percurso da aceção de “enigma”, a partir das últimas décadas do século XIX, deslocando-a e a contrapondo a noção de “problema”:

Na literatura filosófica dos últimos decênios do séc. XIX deu-se o nome de E. do mundo aos problemas que, não tendo sido resolvidos pela ciência, eram considerados insolúveis. Em 1880, o fisiologista alemão E. Du Bois-Reymond enumerava **Sete E. do mundo**-. 1ª a origem da matéria e da força; 2ª a origem do movimento; 3ª o surgimento da vida; 4ª a ordem finalista da natureza; 5ª o surgimento da sensibilidade e da consciência; 6ª a origem do pensamento racional e da linguagem; 7ª a liberdade da vontade. Diante desses E., Du Bois-Reymond achava que se devesse dizer não só *ignoramus* [ignoramos], mas também um *ignorabimus* [ignoraremos]. Alguns anos depois, o biólogo Ernst Haeckel, numa obra de enorme difusão, intitulada *Os E. do mundo* (1899), proclamava que aqueles E. tinham sido resolvidos pelo materialismo evolucionista (v. MATERIALISMO). Embora essa palavra até hoje seja empregada com fins retóricos, tornou-se imprópria para exprimir a atitude do homem moderno em face das limitações ou da imperfeição do seu conhecimento do mundo. E. significa propriamente “adivinhação”, e a expressão E. do mundo parece indicar que o mundo, como um gigantesco jogo de adivinha, só tem uma solução que, uma vez encontrada, eliminaria todos os problemas. O que, por certo, é uma visão bastante pueril, pois o mundo não tem E., nem no plural nem no singular, mas só **problemas** para os quais existem soluções mais ou menos adequadas, nunca definitivas e sempre sujeitas a revisões. (ABBAGNANO, 1998, p. 333, grifo do autor).



Inicialmente, Abbagnano destaca o itinerário da denominação de parte das situações de difícil ou impossível resolução nas quais a ciência se depara. Tais situações eram nomeadas como “enigma do mundo”. Para tal, o filósofo aponta os enigmas do mundo sugeridos por Du Bois-Reymond, relacionados a algumas questões fundamentais acerca da origem e funcionamento do universo, da vida, da consciência; e destaca a sugestão de se fazer uma suspensão temporal necessária sobre o desvendamento dessas indagações. Adiante, Abbagnano situa nesse percurso as proposições do biólogo Haeckel, que advogava a resolução das irresoluções pelo materialismo evolucionista. De outra parte, Abbagnano toca no ponto da impropriedade vocabular do termo “enigma”, pois estaria situado em esferas ou domínios associados a faculdades divinatórias ou a aspectos lúdicos, além da associação da expressão à personificação do “mundo”. Assim, o filósofo propõe a substituição vocabular de “enigma do mundo” por “problemas” e situa essa discussão paradoxal à adequação temporária e a novas conformações da ciência por meio de alterações constantes e contínuas de “problemas”.

#### 4 DELINEAMENTOS BIOGRÁFICOS E LITERÁRIOS

António Manuel Bracinha Vieira possui uma vasta produção que transita por diferentes segmentos de atividades nas ciências, nas artes, e na literatura. Publicou diversas obras de ficção e de ensaios, e lançou livros sobre Etologia animal e humana e acerca da Biologia evolutiva, continuamente enfatizando a importância e a riqueza dos diálogos interdisciplinares. É médico psiquiatra; professor da Universidade Nova de Lisboa; fundador da Sociedade Portuguesa de Etologia; membro do Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa; membro das Áreas de Investigação “Filosofia da Biologia” e “História e Filosofia da Medicina”; pesquisador das linhas de investigação de “Filosofia das Ciências da Vida” e “Filosofia das Ciências Humanas”; e integrante dos projetos “Epistemologia da Medicina”, “A Imagem na Ciência e na Arte”, “O Protágoras de Platão” (CFCUL, 2014).

Vieira alterna seus trabalhos com Etologia, Antropologia, Medicina e Biologia com obras literárias e com a produção de ensaios. Dentre as obras do campo da Biologia, destaca-se **A evolução do darwinismo** (2009), que recoloca conceitos e aplicações das teorias de Charles Darwin, reestabelece uma conexão com parte do contexto da obra darwiniana e enfatiza a diretriz de integração entre os diversos ramos



das ciências (VIEIRA, 2009, p. 11): “Darwin foi um cientista multi e interdisciplinar por excelência, e o darwinismo, após um século e meio de percurso, alargou e animou em rede a unidade das ciências da natureza.”. Já em meio à escrita de ensaios, Vieira transita pelos universos da História, Artes Plásticas, Filosofia e Estudos Literários, dos quais ressaltamos a produção em aforismos da obra **Ensaio sobre o termo da História** (1994).

Quanto à produção literária, Vieira publicou romances, novela e contos (CFCUL, 2014). Dentre os romances, tem-se o **Fim de império** (2008), metanarrativa acerca das guerras coloniais; **Doutor Fausto** (2013), releitura e diálogo com os Faustos do mito germânico, de Goethe, Paul Valéry, Thomas Mann e Fernando Pessoa; e **O regresso de Penélope** (2000), que subverte a epopeia **Odisseia**, de Homero, ao tratar do retorno de Penélope e das dificuldades pelas quais passa a protagonista (FERREIRA, 2004). Para a escrita dos contos, Vieira lançou os livros **Dissonâncias: contos** (1999); **Sete contos de fúria** (2002) e **Contos com monstros** (2001), trabalhos de uma escrita densa e elaborada, da qual se destaca o rearranjo de personagens mitológicas e/ou a sua exaustão junto à sociedade contemporânea. De outra parte, essas narrativas curtas apontam um ceticismo frente ao deslumbramento dos personagens em suas buscas ambiciosas por um tesouro ancestral, uma descoberta científica, uma situação de agradável conforto e inércia etc.

## 5 A FAINA NOS CONTOS DE FÚRIA

O livro **Sete contos de fúria**, de António Vieira (2002), é composto de sete contos: “O grande luto”, “Névoa sobre as origens”, “Eôs”, “O mosteiro”, “A undécima praga”, “Vida e morte de Argos” e “A restituição”. Essas narrativas estão dispostas sob alguns alicerces comuns quanto à temática; à linguagem; às referências e menções, e à necessidade de informações prévias do leitor para compreensão das tramas; à correlação temporal; à presença do inabitual e, às vezes, do insólito; à constância de epígrafes introdutórias aos contos.

Inicialmente, podemos destacar a grande frequência da proposição do declínio e do redirecionamento dos anseios e desejos que movem os protagonistas. Por exemplo, em “O grande luto”, um astrônomo, Efraim, por meio da lente do telescópio Hale, consegue descobrir em remotas distâncias o que pensa ser o corpo de Yhwh, o cadáver



de Deus. Não obstante, Efraim refreia o seu entusiasmo habitual pelo seu trabalho e passa a alimentar uma agonia por conta da sua descoberta:

O único saber certo, demolidor, ele o detinha: queria escondê-lo dos outros e guardá-lo em segredo, com a insuportável carga que encerrava. Isso o tornava criatura singular entre todas, titânica por dever suportar tal fardo. Escolhido entre os humanos, fora-o decerto: tornara-se num momento, senhor absoluto da verdade, desvendara as razões da não-razão da Coisa. (VIEIRA, 2002, p. 17).

Assim, podemos constatar o declínio e/ou o redirecionamento dos anseios e desejos que movem os personagens principais. Quando o astrônomo, que outrora nutria especial dedicação ao seu trabalho, torna-se refém da sua descoberta, espécie de Prometeu às avessas, preso a sua megalomania.

O esmero da elaboração da linguagem adotada na escrita dos contos pode ser direcionada ao título do livro **Sete contos de fúria**. Porém, elaborada de forma diversa ao que se visualiza por fúria (ira, raiva, ódio), indo ao encontro dos paradigmas de inspiração, estro, entusiasmo. Paulo Franchetti estabelece uma conexão com a série literária portuguesa ao relacionar a escrita de Vieira aos apelos de Camões:

A fúria que denomina estas histórias é de outra ordem. Os contos são vaticínios, e a referência, num autor português, é explícita: a fúria que Camões pedia para si, ‘grande e sonora’, contraposta à ‘fruta ruda’ e à ‘agreste avena’. O épico, aliás, é uma denominação que dá conta de importantes características deste livro, quais sejam a elevação da linguagem e o anseio de universalidade dos temas. (FRANCHETTI, 2002).

Nessa relação vemos a diversificação dos elos da sucessão canônica restabelecida de maneira vária. Na obra **Os lusíadas**, de Camões, no “Canto I”, Invocação, estrofe cinco, tem-se:

Dai-me uma fúria grande e sonora,  
E não de agreste avena ou flauta ruda,  
Mas de tuba canora e belicosa,  
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;  
Dai-me igual canto aos feitos da famosa  
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;  
Que se espalhe e se cante no universo,  
Se tão sublime preço cabe em verso. (CAMÕES, 1986, p. 30)

No livro de Vieira ocorrerá a manutenção da elevação da linguagem, mas, opostamente, inverte-se o lugar de onde fala o poeta, o escritor. Camões, na maior parte



das vezes, coloca-se como porta-voz dos valores lusitanos medievais e renascentistas. Vieira adota ora a exposição melancólica da derrocada dos personagens e o esvaziamento do encanto mítico, ora o comprazimento da manifestação do gracejo e/ou do escárnio.

Item de fundamental importância para a realização de parte das virtualidades da narrativa de Vieira é a associação a referências e menções a nomes de divindades, ritos, locais sagrados, arquétipos. Podemos listar alguns dos personagens do conto “Eôs”: Títonos, Eôs, Afrodite, Astreu, Memnon, Oríon, Ganímedes, Lampos, Faetonte, Clíto, Céfalos. E menções à: Afrodite, Medusa, Noite, Vênus, Terra, Eros, Apolo, Orfeu, Caos, Sorte, Cérbero, Stix. Estas figuras mitológicas estão integradas às narrativas gregas e romanas **Ilíada** e **Odisséia**, de Homero (2001, 1950); **Eneida**, de Virgílio (1994); **Metamorfoses**, de Ovídio (1983); **Teogonia**, de Hesíodo (1995); e ao tratado mitográfico **Biblioteca mitológica**, de Apolodoro (1993).

Decorrente do item anterior é a correspondência temporal que ocorre nos contos. Pois, devido à reiteração da presença de personagens, entidades e deidades antigas no tempo presente, transcorre a repetição de uma origem e a reprodução de um efeito e de um eco lançado milenarmente. Benedito Nunes, ao discorrer sobre a interpenetração do texto de Homero na obra de James Joyce, disserta: “Esse enquadramento alegórico, colocando a existência humana, situada historicamente, no horizonte de um passado inesgotável que cada instante da ação reflete, enfeixa uma imagem temporal de caráter cíclico do cosmos e da cultura [...]” (NUNES, 2013, p. 65). Portanto, em alguns casos, a semelhança e/ou repetição da estrutura composta por invariantes pelas quais passam personagens mitológicos ancestrais em tempos atuais leva a uma dupla leitura. Isto é, primeiramente, a proposição da permanência de imagens dos padrões do inconsciente coletivo no mundo contemporâneo; e, posteriormente, sob a gravitação da historicidade, a releitura coetânea dos arquétipos incidindo pesadamente no plano individual.

A presença do incomum e do extraordinário no livro (VIEIRA, 2002) se faz sentir nos desígnios impostos ao desenvolvimento das tramas nas narrativas. Por exemplo, no conto “A restituição”, dá-se a busca da sepultura do Deus Osíris por geólogos para que fosse feita a devolução do seu pênis perdido/decepado e encontrado no sítio arqueológico de Saqqara, no Egito. Já, em “A undécima praga”, ocorre a trajetória dos estudos de pesquisadores que investigam a calamidade da propagação de uma epidemia de uma doença mortal, a qual contagia apenas populações monoteístas do



planeta.

As epígrafes (2002) introdutórias aos contos apontam caminhos às indagações existenciais e também às trilhas metalinguísticas estabelecidas nas narrativas. São epígrafes de romancistas, poetas e filósofos, respectivamente, de Proust, Nietzsche, Kierkegaard, Valéry, Pascal, Kafka, Blanchot, Melville. De acordo com Franchetti (2002) “[...] as epígrafes que abrem o volume e cada um dos contos sugerem uma escrita da espécie da glosa, isto é, do desenvolvimento exemplar de uma frase ou idéia alheia.”. Nessa direção, pode-se vislumbrar que Vieira toma como mote algumas asserções universais emblemáticas, das quais destacamos a epígrafe que menciona um fragmento do **Diário**, de Kafka, no conto “A undécima praga”: “Só vaga esperança vive, mas não mais do que vivem as inscrições nos túmulos”. (VIEIRA, 2002, p. 87). Na narrativa, um cientista que consegue desvendar a charada do funcionamento da epidemia da doença, ironicamente, torna-se a derradeira vítima: “[...] o decifrador do enigma da doença era assim a sua derradeira vítima, perecendo com ela.” (VIEIRA, 2002, p. 129). De tal modo, as epígrafes se apresentam como uma antecâmara dos contos.

## 6 UNICIDADE MÍTICO-TEMPORAL

“Eôs” (VIEIRA, 2002), título do terceiro conto do livro, remete à deusa grega Eôs (*Hóς*), e, na versão romana, à deusa Aurora (*Aurora*). Além disso, o termo alude às ideias de brilho e de claridade (BRANDÃO, 1986). Além de extraordinária beleza, Eôs possuía dedos cor-de-rosa e dispunha asas nos pés e também nos ombros. Era filha da titânide Téia e do titã Hipérion, conforme composto na poesia didática genealógica de Hesíodo, que expressava a progênie das deidades gregas:

Téia gerou o grande Sol, a Lua brilhante  
e Aurora que brilha a todos nós sobreterrâneos  
e aos Deuses imortais que têm o céu amplo,  
gerou-os submetida a Hipérion em amor. (HESÍODO, 2003, p. 127).

A deusa era encarregada de fazer a abertura das portas do céu para a passagem do carro do deus Hélio pelas manhãs e ao entardecer. Juntamente com seus irmãos, Hélio (Sol) e Selene (Lua), eram considerados os deuses celestes e astrais, as chamadas



divindades siderais (KERÉNYI, 1993).

Eôs era marcada pelo castigo que sofrera da deusa Afrodite por haver se unido amorosamente ao deus Ares. Sua punição era a de seduzir sucessivamente jovens em paixões temporárias, como Céfalos, Oríon e outros. Isto é, foi penalizada com a insatisfação eterna. Entretanto, Eôs tenta romper o circuito da sua maldição quando se apaixona por Títonos (*Τιθωνός*), filho de Estrimo e de Laomedonte, rei de Tróia. A deusa do amanhecer pede a Zeus (*Ζεύς*) para que dê a imortalidade a Títonos. Concedida a imortalidade, Eôs vive uma relação amorosa com ele e tem filhos. Contudo, o presente não fora completo, Títonos não recebera a juventude eterna e envelhece indefinidamente (BRANDÃO, 1986). Para encerrar o contínuo sofrimento de Títonos, ele é transformado em cigarra.

No conto de Vieira (2002) destacam-se a tematização do tempo na trama da narrativa (a imortalidade senil); a temporalização dos personagens (o concerto e o desconcerto da evolução histórica dos personagens); o entrelaçamento da trama literária à dimensão mitológica [a (des) harmonia resultante da simultaneidade dos dois “tempos”, o mitológico e o diegético]; e a tragicidade no tecido literário (a precariedade da felicidade e a sucessão contraditória dos fatos). Há um deslocamento da fábula imemorial de Eôs e Títonos para um período situado entre o final do século XIX e o final do século XX. De outra parte, há um redirecionamento da atuação dos personagens e daquilo que eles representavam. Tanto que o transporte de personagens mitológicos para períodos contemporâneos leva a um acirramento de algumas características, como discorre Franchetti (2002): “É certo que a presença de monstros e deuses materializam o tema do poder desmesurado e da opressão.”

O corpo de Eôs toma os tons e as cores do poente e da aurora, e permanece a sua imortalidade. Porém, dá-se maior acento às suas características de mulher fatal (VIEIRA, 2002): “bela”, “luminosa”, “sensual”, “enigmática”, “fogosa”, “impávida”. Caso de maior modificação se produz pela analogia realizada em relação a Zeus (rei dos deuses olímpicos e pai divino). No conto, embora imortal, ele é designado pelo nome de Suze (um anagrama) e é representado como um poderoso empresário da indústria de armas desprovido de escrúpulos. Ao passo que Títonos é concebido, inicialmente, como um jovem quase anônimo, solitário, belo, tímido e preso ao palácio de Eôs. Apesar dessas e outras alterações no conto de Vieira, o infortúnio de Títonos e de Eôs é o mesmo em relação à narrativa primordial, ou seja, a inevitabilidade do envelhecimento



infindo de Títonos e a fatalidade da insaciabilidade de Eôs.

Destacamos no conto as formas pelas quais o personagem Títonos é associado ao elemento tempo e trespassado por ele. O conto apresenta a “evolução” da vida de Títonos quanto ao escoamento do tempo por intermédio das seguintes analogias: “tempo-cascata” (juventude), “tempo-remanso” (maturidade) e “clepsidra esvaziada” (decrepitude). O estabelecimento das relações do personagem com o transcorrer do tempo é expresso de forma contundente no fragmento em que se dá uma tomada de consciência de Títonos, constituindo seu problema central, o seu grande impasse “Tomava enfim Títonos consciência trágica do tempo: sabia-o agora correr, corrodente, por si e dentro de si, dos seus órgãos, da sua memória, como a água de um rio que o conduzia, e aos seres da natureza, ao mar da morte.” (VIEIRA, 2002, p. 61). Nesse segmento, realiza-se a comparação por meio dos termos “água” e “rio” para a confrontação do universo que impele a viver com o horizonte que conduz ao conhecer. Os vocábulos “água” e “rio” milenarmente são símbolos (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012), respectivamente, de fonte de vida e de retorno à indiferenciação (ao todo ou ao nada, à redenção ou à morte). Quer dizer, a mesma seiva que expressa a pujança da vitalidade pode conduzir ao conhecimento da finitude, daí a consciência trágica da existência.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

À maneira de palavras finais, podemos estabelecer que as sociedades contemporâneas são constituídas de uma composição bastante diversa àquela das sociedades ancestrais, quanto a aspectos consuetudinários e a instituições que vigem na vida social. Pois, nas sociedades contemporâneas os efeitos da secularização, do desencantamento do mundo e da globalização aceleram de forma exponencial as transformações das relações sociais e econômicas. No entanto, apesar da ruína e do extravio de vários fundamentos culturais da antiguidade, determinados arquétipos se reconfiguram no quadro de inserções simbólicas e/ou imagéticas nas obras literárias atuais. De outra ordem é a atualização emblemática dos mitos, que passa de forma mais exacerbada pela corrosão irônica e, muitas vezes, pela adoção anacrônica de imagens dos padrões do inconsciente coletivo.

Em suma, este trabalho tentou encaminhar uma reflexão e discussão acerca de



temas e indagações recorrentes aos estudos interdisciplinares. Para tal, apontou algumas possibilidades de se realizar uma intersecção entre os estudos literários e os estudos filosóficos. Assim, buscou-se levantar tópicos e proposições comuns a ambos universos, analisar e interpretar um corpus literário e levantar problemáticas inerentes à elaboração textual. De outra parte, este estudo procurou enfatizar o proveito e a felicidade do encontro, sem descaracterizar a constituição de cada área dos saberes.

## ENCUENTRO DE LA ESCRITA LITERARIA Y DE LA FILOSOFÍA

### RESUMEN

*El trabajo busca mencionar parte de las actividades del Proyecto de investigación A presença do pensamento filosófico na literatura portuguesa no início dos séculos XX e XXI, en particular, la presentación y la reflexión sobre algunos fundamentos y propuestas referentes a posibilidades de relación entre Literatura y Filosofía. Tales como: la perspectiva de intersección, por medio de una “Relação transaccional”, propuesta por Benedito Nunes (2010); la comprensión del mundo y de la vida que envuelva integradamente aspectos conceptuales, intuitivos y artísticos; la detección de proposiciones filosóficas en obras literarias y de la escrita literaria en textos filosóficos; la selección de tópicos como dimensión trágica, experiencia estética de la existencia; tematización del tempo. Para ilustrar la modalidad de la “Relação transaccional”, apuntamos el comentario del poema “Tenho tanto sentimento”, de Fernando Pessoa, y el examen del cuento “Eôs”, de António Bracinha Vieira.*

**Palabras-clave:** Literatura. Filosofía. Interdisciplinaridad.

### REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da Literatura**. Coimbra: Almedina, 1979.
- ANDRADE, Carlos Drummond. **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- APOLODORO, **Biblioteca mitológica**. Tradução de J. G. Moreno. Madrid, Alianza Editorial, 1993.
- BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1986. v. 1.
- CAMÕES, L. V. **Os lusíadas**. São Paulo: Círculo do livro, 1986.
- CARVALHAL, T. F. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 2001.



CENTRO DE FILOSOFIA DAS CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (CFCUL). **Antonio Bracinha Vieira**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2014. Disponível em: <<http://cfcul.fc.ul.pt/equipa/abracinhavieira.php>>. Acesso em: 25 jun. 2104, às 18h15.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Tradução de V. C. Silva. Rio de Janeiro: J. Olympio. 2012.

CÍCERO, A. **Poesia e filosofia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Mourão. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001

CONSTÂNCIO, J. **Arte e nihilismo: Nietzsche e o enigma do mundo**. Lisboa: Tinta da China, 2013.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio**. São Paulo: Positivo, 2004.

FERREIRA, L. N. “A recepção dos temas clássicos na obra de Hélia Correa.” In: FERREIRA, J. R., DIAS, P. C. B. **Fluir perene: a cultura clássica em escritores portugueses contemporâneos**. Coimbra: Universidade de Coimbra. 2004.

FRANCHETTI, P. “A fúria de Camões”. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 set. 2002. Jornal de resenhas. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenha/rs1409200212.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2014, às 17h55.

FRANCO JÚNIOR, A. “Operadores de leitura da narrativa”. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L.O. (Org.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009.

HESÍODO. **Teogonia, a origem dos deuses**. Tradução de J. Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995.

HOMERO. **Iliada**. Tradução de O. Mendes. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1950.

HOMERO. **Odisséia**. Tradução de C. A. Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

KERÉNYI, K. **Os deuses gregos**. Tradução de O. M. Cajado. São Paulo: Cultrix, 1993.

MOISÉS, M. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 1977.

NIETZSCHE, F. W. **A gaia ciência**. Tradução de M. Pugliesi, E. Bini e N. Paula Lima. Rio de Janeiro: Ediouro, 1986.

NUNES. B. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Loyola, 2013.

NUNES. B. **Ensaios filosóficos**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.



- OVIDIO. **As metamorfoses**. Tradução de São Paulo: Ediouro, 1983.
- PESSOA, F. **Mensagem**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e representação**. Tradução de Jair Barbosa. São Paulo: Ed. da UNESP, 2005.
- VIEIRA, A. **A evolução do Darwinismo**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2009.
- VIEIRA, A. **Contos com monstros**. São Paulo: Globo, 2001.
- VIEIRA, A. **Dissonâncias: contos**. Lisboa: & etc, 1999.
- VIEIRA, A. **Doutor Fausto**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2013.
- VIEIRA, A. **Fim de império**. Porto: Asa, 2008.
- VIEIRA, A. **O regresso de Penélope**. Lisboa: Colibri, 2000.
- VIEIRA, A. **Sete contos de fúria**. São Paulo: Globo, 2002.
- VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução de D. Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1994.

### **Como referenciar este artigo científico:**

DORNELES, Marcos Rogério Heck. Encontro da Escrita Literária e da Filosofia. In: DORNELES, Marcos Rogério Heck; FONSECA, Janaína Zaidan Bicalho (Coords.). SIMPÓSIO NACIONAL DE LÍNGUAS E LITERATURAS, 1., 2014, Aquidauana; ENCONTRO NACIONAL DE LITERATURA E FILOSOFIA, 1., 2014, Aquidauana. **Anais eletrônicos...** Aquidauana: MCElestine, 2015. p. 178-197.